

## QUILOMBO DA AROEIRA: NEGROS NO SERTÃO PEDRO-AVELINENSE

### QUILOMBO DA AROEIRA: BLACK PEOPLE IN THE PEDRO-AVELINENSE HINTERLAND

Jobson Cleyton Bezerra do Nascimento <sup>1</sup>

#### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar através da história e historiografia potiguar o registro da existência de mais um grupo de escravos refugiados (um quilombo), desconhecido dentre vários existentes, que fixam presença no território brasileiro. O Quilombola Aroeira é uma comunidade de negros remanescentes de escravos, que existe até os dias atuais na zona rural a 9 (nove) KM da sede do município de Pedro Avelino, em uma região popularmente chamada como: fazenda Aroeira, com uma área de 530,8024 hectares, situada na região central do sertão potiguar. E o que era visto como uma utilização da mão de obra negra africana e de seus descendentes libertos no Brasil foi um dos processos que contribuiu consideravelmente para deixar marcas inesquecíveis na história da sociedade brasileira. Seguindo pelo processo de povoamento da região; tempo de ocupação da região; como o grupo chegou à região; como se deu a ocupação da terra; famílias que formaram o grupo; organização social e atividades econômicas e culturais desenvolvidas pelos membros da comunidade. Como fontes de pesquisa para realizar este trabalho foram utilizadas tanto registros escritos, como também orais provenientes de um casal de anciões: Antônio Martins da Silva (vovó); de 115 anos de idade, e da senhora Maria Francisca da Conceição da Silva, de 106 anos de idade. Ambos afirmam que a comunidade surgiu no interior do município muito antes da emancipação de Pedro Avelino, que era distrito do município de Angicos, no final do século XIX. A origem da comunidade transcende desde a província do Rio Grande do Norte – Período Imperial; e do encontro de negros vindos de outras regiões: alagadiços do Ceará-mirim – trabalhadores das lavouras de cana; do Seridó Potiguar – vaqueiros de gado; e de negros libertos das cidades de Açú e Mossoró, que se encontraram e povoaram a Aroeira onde já existia negros habitando-a.

**PALAVRAS-CHAVE:** História Potiguar. Negros Refugiados. Quilombola da Aroeira.

#### ABSTRACT

The present work has the purpose of showing through history and historiography the existence of another group of refugee slaves (a quilombo), unknown among several existing ones, that establish presence in the Brazilian territory. The Quilombola Aroeira is a community of black slaves remaining, that exists until the present days in the rural area to 9 (nine) KM of the seat of the municipality of Pedro Avelino, in a region popularly called like: farm Aroeira, with an area of 530,8024 hectares, located in the central region of the sertão of Potiguar. And what was seen as a use of black African labor and its descendants freed in Brazil was one of the processes that contributed considerably to making unforgettable marks in the history of Brazilian society. Following the process of population of the region; occupation time of the region; how the group arrived in the region; as was the occupation of the land; families that formed the group; social organization and economic and cultural activities developed by members of the community. As sources of research to carry out this work were used both written records, as well as oral records from a couple of elders: Antônio Martins da Silva (grandma); of 115 years old, and Mrs. Maria Francisca da Conceição da Silva, 106 years old. Both claim that the community emerged within the municipality long before the emancipation of Pedro Avelino, who was district of the municipality of Angicos in the late nineteenth century. The origin of the community transcends from the province of Rio Grande do Norte - Imperial Period; and the meeting of blacks from other regions: floodwaters of Ceará-mirim - workers in sugarcane plantations; of Seridó Potiguar - cattle herders; and of freed blacks from the cities of Açú and Mossoró, who met and settled in Aroeira where there were already blacks inhabiting it.

**KEYWORDS:** Potiguar History. Black Refugees. Quilombola da Aroeira.

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Educação pela ACU – Absolute Christian University. Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade do Grupo UNIASSELVI, FAMESUL. Licenciatura em História pela Universidade Potiguar, UnP. **CURRÍCULO LATTES:** [lattes.cnpq.br/0921985045970270](https://lattes.cnpq.br/0921985045970270)

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa sobre a comunidade Quilombola Aroeira, que fica a 9 (nove) Km do município de Pedro Avelino/RN.

Para realização deste trabalho, utilizamos como fontes de pesquisa, os registros escritos e orais do casal de anciãos que moram na comunidade da Aroeira; são eles: Antônio Martins da Silva, vulgo vovô, de 115 anos de idade, e da senhora Maria Francisca da Conceição da Silva, conhecida como Chiquinha de vovô, de 109 anos. Ambos afirmam que a comunidade surgiu no interior do município – muito antes da emancipação de Pedro Avelino (era distrito do município de Angicos) no final do século XIX.

Para entender a formação histórica da Aroeira, é necessário resgatarmos fatos como a origem da comunidade que transcende a província do Rio Grande do Norte – Período Imperial- e também o encontro de negros vindos de outras regiões, como os alagadiços do Ceará-mirim, que eram os trabalhadores da cana-de-açúcar; os provenientes do Seridó Potiguar, que eram os vaqueiros de gado e os negros libertos das cidades de Assú e Mossoró, que, também, povoaram o “grupo”.

### AROEIRA, COMUNIDADE NO SERTÃO PEDRO-AVELINESE

A introdução do negro africano à Capitania do Rio Grande (do Norte) iniciou-se no Século XVII, vindos dos portos de Pernambuco, para trabalhar como escravos, nos engenhos de açúcar do vale de Cunhaú e Ferreiro Torto e, posteriormente, nos engenhos de Ceará-Mirim, de São José do Mipibu, de Goianinha e de Canguaretama. “Os negros foram mais presentes na Zona da Mata”. (MONTEIRO, 2000, p. 91).

À medida que os engenhos de açúcar foram se instalando na faixa litorânea – Zona da Mata, da Capitania, mais negro foram sendo importados da costa do continente Ocidental africano, sobre tudo de Angola,

Congo e Guiné (Território que fazia parte do grande Império Português na África), “através de mercadores de Pernambuco”. (MONTEIRO, 2000, p. 91).

Além da Zona da Mata, no interior da Capitania, os negros fixaram-se em outras regiões; no Oeste: Assú, Mossoró; no Seridó: Caicó, jardim do Seridó, Parelhas, Acará e Currais Novos. A ocupação e povoamento iniciaram nos primeiros anos do Século XVII, durante a Guerra dos Bárbaros ou Confederação dos Cariris:

Lutas contra os índios que tiveram como resultado o conhecimento de quase todos os caminhos dos sertões (...), principalmente na região das ribeiras do Açu onde as condições do pasto eram melhores. A concessão de sesmarias para criação de fazendas de gado fixou a população e originou o ciclo do gado. (MARIZ; SUASSUNA, 2006, p. 108-109).

O gado bovino, necessitando de pastagens e ocupando demasiado espaço nas fazendas açucareiras, foi empurrado para o Agreste e o Sertão.

O verde que emoldurava as ribeiras era a certeza de água para o consumo humano e dos animais. Assim, as primeiras estradas se confundiam com os leitos dos rios, secos a maior parte do ano no semiárido. Mas, se cavados em cacimbas revelariam sempre algum veio d’água. (...) A importância usufruída pelos rios – perenes ou temporários – no período colonial é notável. Vias naturais para o andamento dos colonos, possibilitaram o povoamento do interior brasileiro, integrando-o ao circuito produtivo da colônia. Nos sertões nordestinos, as primeiras fazendas localizavam-se nas ribeiras, o leito do rio dividido no comprimento a sesmaria ao meio. Podemos depreender dos documentos da época – cartas de data de terra, protocolos de freguesias etc. – que a referência às ribeiras denotava não só acidentes geográficos, mas cartografias do poder, demarcações de territórios, jurisdições. (...) No verbete Ribeira, (...) compreende um certo número de fazendas de criar gados. Cada ribeira se distingue das outras pelo nome do que a banha; e tem, além, um ferro comum a todas as fazendas do distrito, afora aquele

que pertence a cada proprietário. (MACÊDO, 1998, p. 25-26).

O sertão é descrito como um lugar de vida simples, quase como se fosse um espaço sócio-cultural sem conta o com mundo civilizado:

No sertão, a vida das “fazendas” e das cidades do interior eram simples, afadigados, bastando a produção do campo, quando chovia, e a criação, porém marcada pela austeridade dos costumes familiares, com vestimentas e alimentação características. (...). Quando os negros chegaram (...) a comunidade norte-rio-grandense, mandados para o sertão, transformaram-se em vaqueiros cantadores aclamados, compadres de ioiôs, irmãos e protetores do “senhor moço”, vaquejadores de touros nas corridas festiva, posseiros de sesmarias das produções das fazendas e das “apartações” do gado, libertando-se pelo trabalho antes da lei. (MEDEIROS, 1973, p. 69).

Os escravos fixaram o braço no ciclo de couro das fazendas de carne de sol. “A população encontrava-se espalhada por toda parte, alcançando (...), áreas mais longínquas, concentrando-se nos vales férteis do litoral e nas ribeiras dos rios sertanejos. Isso garças ao aumento da criação e a expulsão dos índios”. (MARIZ; SUASSUNA, 2006, p. 118).

Em de 1875 a população escrava representava apenas uma pequena parcela da população. No Ceará, por exemplo, está constituía cerca de 4,5%, no Rio Grande do Norte, 5,1%, na Paraíba, 6,8%; no Amazonas, 1,7% e em Goiás, 5%. (COSTA, 2008, p.12).

As rebeliões e fugas de negros do cativo para os quilombos continuaram com frequência. De acordo com (SILVA, 2003) o quilombo de rompimento, edifica-se como ruptura em relação à sociedade que oprime o escravo. Outro tipo de quilombo começa a aparecer cada vez mais nas décadas abolicionistas. O quilombo abolicionista não procurava formar uma nova sociedade

no interior do espaço nacional. Seu objetivo último, que vinha a coincidir com os dos movimentos abolicionistas, era a extinção da escravidão.

Os negros libertos encontraram, inicialmente, dificuldade para viver. Nos centros urbanos a mão-de-obra assalariada não lhe dava vez, pela da habilitação, excesso existente de operários e até pelo preconceito. Para o interior, não havia possibilidade na agricultura, com a terra já ocupada e com seus irmãos sobrando na vida de vaqueiro. O deslocamento foi, portanto, de engenho em engenho, de fazenda em fazenda, muitos se deixando ficar com seus antigos senhores e sinhás, trabalhando “de meia”, de “empreitada”, tendo apenas o necessário para o sustento. (MEDEIROS, 1988, p. 56).

A formação da sociedade colonial do Brasil levou a miscigenação entre três principais elementos étnicos formadores do povo brasileiro: o índio, o branco e o negro. No Rio Grande do Norte os negros foram os últimos desses elementos a chegarem e desenvolveram ao longo das margens do Rio Ceará-Mirim, quilombos dos alagadiços, deixando remanescentes – os quilombolas; descendentes dos antigos negros escravos.

No vale do Ceará-Mirim, vivem os negros de coqueiros, excelentes limpadores de cana-de-açúcar nos engenhos dos senhores locais, além de serem, “Cambiteiros da melhor indústria de cangalhas do município e fabricantes da famosa farinha de alagadiços”. (MEDEIROS, 1988, p. 56).

“Na década de 1880, instigados pelos abolicionistas, os escravos começaram a fugir cada vez em maior número das fazendas”. (COSTA, 2008, p.115). Migrando para outras regiões distantes das fazendas, onde o próprio quilombo foi área de migração para outras localidades.

A comunidade negra rural da Aroeira, está localizada na mesorregião central potiguar, e na microrregião de Angicos (IBGE, 1989), estado do Rio Grande do Norte, a uma distância de 9 (nove) km da sede

do município de Pedro Avelino – coordenada geográfica à 05° 31’ de latitude sul e 35° 22’ de longitude oeste, com limites ao norte com Guamaré, ao sul com Angicos, a leste com Jandaíra e Lajes, a oeste com Macau e Afonso Bezerra. Possui uma área territorial de 967 km, ocupando 1,82% da superfície do Estado, a uma altitude média de 97 metros do nível do mar.

Os primeiros habitantes da região foram os tapuias e o povoamento colonizador se deu a partir do século XVIII. De acordo com (GURGEL, 2005) o povoado de Gaspar Lopes teve sua origem com os irmãos Diogo, Jacinto, Felix e Gaspar Lopes, por volta de 1717. Gaspar Lopes era o proprietário de uma fazenda no riacho do Machado. “O povoamento da região segue o curso dos rios, como ocorreu nas demais regiões do sertão nordestino” (ASSUNÇÃO, 2009, p.25).

Deu início a ocupação e ao desenvolvimento das terras nas quais atualmente se localiza o município de Pedro Avelino.

A comunidade das Aroeiras formou-se no período imperial brasileiro com o encontro de negros viajantes provenientes de outras regiões da Província do Rio Grande (do Norte): Mossoró, Assú, Seridó e do Vale do Ceará-Mirim. E fixou-se entre a vegetação da caatinga, de animais selvagens, do sertão Pedro-avelinense.

Os primeiros homens, sugeria-se (plausivelmente), preferiram o campo aberto às florestas por sua segurança: era possível ver o que se aproximava defendesse com antecedência. (...) Os primeiros habitantes destruíram “as matas e os grandes bosques”, (...) para que não dessem refúgio aos animais selvagens e perigosos: “com isso, as feras foram levadas a buscar abrigo naquelas áreas onde havia matas, para delas fazerem sua residência”. (THOMAS, 1988, p. 232)

<sup>2</sup> Pseudônimo como era conhecido o Sr. Antônio Martins da Silva, pelos seus familiares, parentes, habitantes da Comunidade Aroeira e todos do município. Junto com sua esposa Maria Francisca da Silva (Chiquinha como também era conhecida). Formaram o casal de ancião mais velho do Estado

Os negros das Aroeiras – como era e são chamados os habitantes da comunidade Aroeira – por toda população do município, tem sua história relatada por parte de sua população, e um dos relatos mais importantes ocorre de um diálogo com um casal de idosos descendentes de quilombo, Antônio Martins da Silva, (vulgo vovô, de 115 anos de idade), casado com Maria Francisca da Silva, (conhecida como Chiquinha, 107 anos de idade). “Vovô”<sup>2</sup> relata que sua mãe, Maria Joana da conceição, mãe Joana (parteira), contava a ele ainda criança, que quando ela chegou a região onde hoje é a comunidade Aroeira, já existia cerca de 30 a 40 negros na região morando no Quilombo, os negros dali (Aroeira), comunicavam-se com outros negros de uma outra comunidade negra vizinha – o Curralinho, localizado no atual município de Afonso Bezerra.

**FOTO 1:** Vovó e Chiquinha<sup>3</sup>



**FONTE:** acervo do autor (29/01/2009)

Dando continuidade aos relatos, segundo ele, no ano de 1902 sua mãe grávida do mesmo e com catapora, saiu da comunidade da Aroeira com destino para os alagadiços do Agreste no município de Ceará-Mirim, onde lá ela reencontrou o pai dele. Conduzindo mais três filhos ainda pequenos, e após passados cinco anos seus pais com dificuldades alimentícias, econômica

do Rio Grande do Norte, até sua morte na data de 31/05/2017. E sua esposa continua viva até esta data. Morando na antiga casa do casal na Fazenda Espinheiro.

<sup>3</sup> Faleceu na data de 04/01/2022.

e saúde, retorna para a comunidade, sem o seu pai, em virtude da maleita (malária), doença que dizimava muita gente ali nos alagadiços; e no ano de 1907, com cinco anos de idade chegou ao local onde nasceu, com seus avós paternos: Maria Roxa e José Tatu, e sua avó materna Patrícia do Nascimento – a negra Patrícia.

A história da comunidade da Aroeira se desenvolveu paralelo com a história da evolução do povoamento de Gaspar Lopes – o povoado surgiu no período colonial brasileiro, e durante o período imperial surgiu à comunidade que vivia isolada com receio de serem marginalizados e explorados.

Parte da população da Província do Rio Grande do Norte foi utilizada para a construção da linha de ferro, vovô afirma ter trabalhado durante um longo período de tempo na construção dessa ferrovia – Estação Central do Brasil / Sampaio Correia que chegava ao povoado de Gaspar Lopes no ano de 1918.

Para os moradores do povoado seria o progresso chegando, e “no dia 24 de dezembro de 1922, o vilarejo mudava seu nome, sendo renomeado de Vila Epitácio Pessoa (...). Homenagem feita ao presidente nordestino (da Paraíba, apontados pelos cafeicultores); Epitácio Pessoa – (1919 – 1922) que tinha como lema: Governar é abrir estradas. Os serviços ferroviários para o ramal de Macau rumavam para Gaspar Lopes.” (CASCUDO, 2002, p.232).

Ao longo dos seus 115 anos, vovô, trabalhou também como vaqueiro, agricultor, nas terras de Aroeira, Cabeceiro<sup>4</sup> no embarque e desembarque de algodão – nas usinas de beneficiamento de algodão. Como também, nas feiras da vila de Epitácio Pessoa.

**IMAGEM 1:** 2ª via da Certidão de casamento de Vovô e Chiguinha



**FONTE:** Cartório Único extraordinario Josefa Vilany da Paz Avelino – Comarca de Afonso Bezerra/RN (2006)

No ano de 1958, Antônio Martins da Silva (vovô), casou-se com Maria Francisca da Conceição da Silva. Deste casamento foram gerados sete filhos: Francisco de Assis da Silva, Maria Vera Lúcia da Silva, João Batista Martins da Silva, Maria Damiana da Silva, Francisco Jorge da Silva, Maria Cleide da Silva e Dioclécio da Silva.

Vovô atualmente não mora na comunidade Aroeira e sim em Espinheiro, nas redondezas da Aroeira a 13 km de Pedro Avelino. Afirma ele que saiu, pois a Aroeira estava crescendo muito, precisava de sossego.

A comunidade de quilombo da Aroeira pratica uma economia que se assenta na mão-de-obra familiar e está orientada prioritariamente para a satisfação das necessidades do grupo doméstico.

O seu sistema produtivo se sustenta basicamente nas atividades agrícolas e extrativistas. No entanto, muitas vezes os quilombolas também realizam trabalho assalariado nas plantações dos grandes proprietários de terras locais ou em centros urbanos,

equilibrando-os na cabeça, de um ponto comercial a outro ponto comercial. Gerando uma rota de produtos.

<sup>4</sup>Homem de músculos vigorosos e de grande disposição cujo trabalho é carregar enormes fardos de mercadoria,

para poderem complementar a renda familiar e adquirir alguns bens e utensílios diversos não produzidos localmente.

Além disso, os habitantes da comunidade criam animais de grande (boi e vaca) e pequeno porte (tais como, galinhas, porcos, patos, cabritos e perus), que utilizam como alimento e como eventual fonte de renda, e pescam nos rios e córregos da região. Ainda existem outros animais utilizados como tração (mulas e jumentos).

A agricultura é bastante variada. São plantados, milho, feijão, mandioca, batata-doce, algumas fruteiras (como acerola, goiaba, limão, mamão, melancia e melão – os dois últimos apenas em períodos de chuvas), hortaliças (cebolinha) e vegetais silvestres (como o coentro).

Demonstrando ter uma vasta alternativa de subsistência a localidade é muito pobre e pouco conhecida, por isso, “as mulheres tentavam romper essa pobreza e do isolamento, valendo-se para isso do círculo de comadres e vizinhas”. (DEL PRIORE; 1993, p. 61).

A vegetação do território é caracterizada por caatinga, vegetação típica de região do semiárido e do sertão nordestino, e vegetação de capoeira, rasteira, além de arbustos e formas arbóreas. Algumas áreas foram descaracterizadas para a implantação de pastagem, criatórios e lavoura de subsistência pertencente à comunidade territorial. A rede hidrográfica é caracterizada pela existência de pequenos riachos nos períodos chuvosos (...) nos espaços denominados de “baixos” seja nos tanques naturais. (ASSUNÇÃO, 2009, p. 64).

Pelo último censo a localidade Aroeira tem 30 famílias e uma população de 150 pessoas, onde todos

têm origem das famílias Martins e Silva. Os quilombolas relacionam-se entre si.

Os negros da Aroeira não absorveram a cultura dos seus ancestrais, adotam a religião católica cristã, na comida a gastronomia nordestina e na dança o forró.

A comunidade Aroeira, como citado, existe antes mesmo do fim da abolição. Não se sabe ao certo, quando iniciou o povoamento da localidade, que atende uma dimensão territorial de 530,8024 hectares, em total de 70 famílias, com uma pequena população de 200 habitantes<sup>5</sup>, pois os próprios habitantes do quilombo desconhecem os seus direitos. A Aroeira foi reconhecida como remanescentes de quilombos pela fundação Palmares no ano de 2006 - O Decreto 4.887, de 20 de novembro de 2003 (Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias), em seu artigo 2º, considera os remanescentes das comunidades dos quilombos, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra, relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Mesmo através desse reconhecimento a comunidade sofre com falta de recursos públicos, e preconceito racial e social. Ocorre um pequeno processo de redução da área do quilombo por fazendeiros vizinhos.

**IMAGEM 2:** Certidão de autodefinição da fundação Palmares de reconhecimento da Comunidade Aroeira como Remanescente de quilombo

<sup>5</sup>Dados informados pela Secretaria de Assistência Social do Município de Pedro Avelino/RN -cedida pela secretaria de assistência Francisca das Chagas - 2018



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
MINISTÉRIO DA CULTURA  
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

Criada pela Lei n.º 7.668 de 22 de agosto de 1988

Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

2ª VIA

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da Fundação Cultural Palmares, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do processo administrativo desta Fundação nº 01420.001965/2006-35 **CERTIFICOU** que a **COMUNIDADE DE AROEIRA**, localizada no município de Pedro Avelino/RN, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 007, Registro nº 712, fl. 23, devidamente assinada à época pelo Presidente da Fundação Cultural Palmares, Ubiratan Castro Araújo, nos termos do Decreto supra mencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43 de 4 de março de 2004, Seção 1, fl. 07, **SE AUTODEFINIU COMO REMANESCENTE DE QUILOMBO.**

O referido é verdade e dou fé.

Brasília, 20 de janeiro de 2015.

Alexandro Reis  
Diretor

SCAN QR Code - Cód. Postal: 50000-000 - Brasília/DF  
CEP: 70810-010 - Fone: (61) 842-1000 - www.palmares.gov.br

**FONTE:** Secretaria Municipal de Agricultura do Município de Pedro Avelino, cedida pelo secretário de agricultura Jailson Felix – 2018

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo procurou apresentar a comunidade Aroeira (Citou-se Arueira, como a palavra é expressada na região) existente no município de Pedro Avelino do estado do Rio Grande do Norte, a fim de apresentar o registro da existência de mais uma comunidade quilombola desconhecida dentre as várias existentes, que fixaram presença no território brasileiro.

Abordou-se como os negros chegaram ao Brasil, bem como sua trajetória e costumes, onde nas fazendas, era proibida a consecução de práticas religiosas de origem africana, ou a realização de festas e rituais, pois a condição de escravo os obrigava a seguir a cultura imposta por seus senhores.

A chegada dos escravos na região nordeste no período do século XVII, saindo do estado de Pernambuco para o Rio Grande do Norte, no período imperial os escravos chegavam aos municípios do estado, e na comunidade de Aroeira em Pedro Avelino/RN.

Assim, a comunidade até hoje habitada segue alguns costumes e práticas de sobrevivência atividades

econômicas baseiam-se na pecuária (bovinos, suínos, caprinos e aves domésticas), agricultura (milho, feijão, melão, melancia – em tempo de inverno). No entanto, a cultura por eles desconhecidas dos seus ancestrais, eles praticam a religião católica cristã.

Diante de tais, foi de fundamental importância conhecer e aprimorar conhecimentos a respeito dos quilombolas, percebe-se que a história continua a ser explorada e continuada com o passar dos anos pelos novos integrantes que vão habitando aquela comunidade.

E assim, nota-se quão forte é a cultura dos escravos em conseguir prosseguir com os ensinamentos dos antepassados, adequando ao mundo contemporâneo vivido nos dias atuais sem perder costumes e práticas de muito tempo atrás.

### REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Luiz. **Jatobá: ancestralidade negra e identidade.** Natal/RN: EDUFERN, 2009.
- BARROS, José D'Assunção. **A Construção Social da Cor: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** São Paulo: Cultrix, 2006.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Nomes da Terra.** Natal, Sebo Vermelho, 2002.
- COSTA, Emília Viotti da. **A abolição.** 8. ed. São Paulo, Editora UNESP, 2008.
- DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colonial.** Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edumb, 1993.
- FIABANI, Adelmir. **Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004).** São Paulo, Expressão Popular, 2005.
- FUNARI, Pedro Paulo; CARVALHO, Aline Vieira de. **Palmares, ontem e hoje.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- GURGEL, Alexande. **Jornal a voz do Natal.** ano IX, n. 118, nov., 2005.

HEYWOOD, Linda M. **Diáspora negra no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2009.

HISTÓRIA UFRN. **100 anos (1888-1989)**. CCHLA, Órgão do Departamento de História, FUNPEC. Tarcísio Medeiros, Pág. 56.

MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense**. Natal: s.n., 1998.

MAESTRI, Mário. **O escravismo no Brasil**. São Paulo: Atual, 1994.

MARIZ, Marlene da Silva; SUASSUNA, Luiz Eduardo Brandão. **História do Rio Grande do Norte**. Natal/RN: Sebo Vermelho, 2006.

MEDEIROS, Tarcísio. **Aspectos Geopolíticos e antropológicos da História do Rio Grande do Norte**. Natal/RN: Imprensa Universitária, 1973.

MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à história do Rio Grande do Norte**. Natal/RN: EDUFRN, 2000.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, Olivier. **A História da escravidão**. São Paulo: Boitempo, 2009.

REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). **Liberdade por um fio: história do quilombo no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SILVA, Eduardo. **As Camélias do Leblon e a Abolição da Escravatura** – Uma investigação de história cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIMONSEN, Roberto C. **História econômica do Brasil. 1500-1820**. Brasília: Senado Federal, conselho editorial, 2005.

THOMAS, Keith. **O Homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.